

SENTIDO DA EXISTÊNCIA SOB INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NA PERSPECTIVA DA LOGOTERAPIA¹

Valquíria Barbosa Fernandes Ribeiro²

Ana Maria Mattos de Andrade³

RESUMO:

O presente artigo tem por objetivo discutir sobre como a vivência na era das redes sociais influencia a perspectiva do sujeito de seu sentido de existência. Para tal, lançou-se mão das contribuições da vertente Existencial-Humanista da Psicologia, tendo sido escolhida a Logoterapia como referencial teórico principal. O tema foi abordado de maneira qualitativa, com vistas a promover uma reflexão a partir das interpretações e contextualizações apresentadas. Os materiais foram levantados a partir do método bibliográfico e também através de recomendação da professora orientadora, tendo sido analisados em revisão integrativa. As principais bases de dados referenciadas foram o Google Acadêmico e Scielo (Scientific Electronic Library On-line), tendo sido utilizadas como palavras-chave as combinações “redes sociais e sujeito contemporâneo” e “mídias digitais e sujeito”. Foram selecionados artigos publicados durante os últimos cinco anos (entre 2017 e 2022). Ademais, se incluiu dentre os materiais consultados autores clássicos da Logoterapia, tais como Viktor Frankl e Izar Xausa. A partir do conteúdo analisado e das posteriores reflexões, foi possível inferir que as redes sociais apresentam um efeito significativo sobre o entendimento do sujeito acerca do sentido de sua existência, ao passo que vêm se configurando como espaço de validação desta. Considerou-se assim, a necessidade de reflexão diante deste novo papel atribuído às redes sociais e de maior compreensão desse sujeito contemporâneo e de suas distintas formas de existência que se delinham nesse espaço digital. Para tanto, é importante considerar maiores discussões no espaço acadêmico e o desenvolvimento de outros estudos acerca deste tema.

Palavras-chave: Sentido de existência. Redes sociais. Logoterapia. Psicologia Existencial-Humanista.

SENSE OF EXISTENCE UNDER THE INFLUENCE OF SOCIAL NETWORKS FROM THE PERSPECTIVE OF HUMANISTIC EXISTENTIAL PSYCHOLOGY

ABSTRACT:

¹ Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia, na Linha de Pesquisa Psicologia e Tecnologia. Recebido em 21/10/2022 e aprovado, após reformulações, em 23/11/2022.

² Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: valbarbosa99@gmail.com

³ Mestre em Psicologia e Psicanálise pelo Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA) e docente do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: anaandrade@uniacademia.edu.br

This article aims to discuss how living in the age of social networks influences the subject's perspective of his sense of existence. To this end, contributions from the Existential-Humanist strand of Psychology were used, having chosen Logotherapy as the main theoretical framework. The topic was approached qualitatively, with a view to promoting reflection based on the interpretations and contextualization presented. The materials were collected from the bibliographic method and also through the recommendation of the guiding teacher, having been analyzed in an integrative review. The main referenced databases were Scholar Google and Scielo (Scientific Electronic Library On-line), having used as keywords the combinations “social networks and contemporary subject” and “digital media and subject”. Articles published during the last five years (between 2017 and 2022) were selected. In addition, classical Logotherapy authors, such as Viktor Frankl and Izar Xausa, were included among the materials consulted. From the analyzed content and subsequent reflections, it was possible to infer that social networks have a significant effect on the subject's understanding of the meaning of their existence, while they have been configured as a space for its validation. Thus, it was considered the need for reflection on this new role attributed to social networks and for a greater understanding of this contemporary subject and its distinctive forms of existence that are outlined in this digital space. Therefore, it is important to consider further discussions in the academic space and the development of other studies on this topic.

Keywords: Sense of existence. Social networks. Logotherapy. Humanistic Existential Psychology.

1 INTRODUÇÃO

A relação do homem com a tecnologia vem sendo tema de estudo na literatura de várias especialidades há tempos, como tentativa de compreender o funcionamento desta ao longo da história. O crescimento de uma sociedade com demandas cada vez mais complexas, exige avanços tecnológicos cada vez mais recorrentes, que por sua vez requerem a adequação da maneira que o homem apreende e utiliza os recursos ofertados, o que atuará diretamente na relação homem-tecnologia (NUNES; DE JESUS, 2021).

Diante do momento histórico presente, em que a humanidade se viu diante de uma pandemia com um vírus de alta transmissibilidade, que demandou a suspensão das atividades sociais e o distanciamento como medidas de segurança, o uso da tecnologia assumiu outro lugar, não só como via para o desenvolvimento de recursos para o combate do vírus, mas como possibilidade de manutenção das atividades sociais frente à necessidade do contato.

Assim, uma sociedade já muito ativa virtual e tecnologicamente, se tornou quase que completamente conectada. O espaço virtual assumiu o lugar de espaço social possível, em que as pessoas eram capazes de estar juntas mesmo que separadas fisicamente. Para além disso, tornou-se a alternativa única para a realização de todas as atividades sociais. Desse modo, a relação entre o homem e a tecnologia estreitou-se significativamente, atingindo um nível mais profundo e complexo de impacto (RODRIGUES; BARBOSA, 2018).

E se falando em sociedade, tecnologia e contato, impossível não referenciar as chamadas redes sociais, que são os recursos tecnológicos mais utilizados no que diz respeito à transmissão de informações e, principalmente, à ampliação da forma de contato e acesso ao outro. Entretanto, tendo tais tecnologias assumido lugar tão central na maneira das pessoas se relacionarem e até mesmo se colocarem diante do outro, vale a reflexão sobre como isso afeta o senso das pessoas acerca de si, do outro e do lugar que ocupam no mundo e quais são as implicações disto.

Para tal, lançou-se mão da Psicologia Existencial-Humanista como base teórica, em particular das contribuições trazidas pela Logoterapia, que discute especialmente o tema do sentido da vida e contribui para a realização da análise aqui proposta.

O estudo dessa temática se mostra interessante à medida em que se observa certa escassez de produções que discutam esta questão dentro desse viés teórico. Além disso, trazer à tona essa reflexão a partir deste trabalho é uma forma de buscar compreender as demandas que o sujeito contemporâneo apresenta e que não chegam à luz de forma espontânea, pois acabam por ser suprimidas por esse novo modo de existência que o sujeito adota, em que o *modus operandi* é a adulteração da realidade em prol de um cenário mais agradável no espaço das redes sociais.

Assim, tomando como base a frequência com que as redes sociais se fazem presentes de forma contundente na vida das pessoas, de modo a se tornarem imprescindíveis na existência destas, delineando-se enquanto elemento impactante na compreensão de si e do mundo (NUNES; DE JESUS, 2021), o presente estudo buscou compreender de que maneira a vivência na era das mídias digitais elicia modos de ser e existir, influenciando a percepção das pessoas sobre si, sobre o outro

e sua posição no mundo; e de que forma os constructos da Psicologia Existencial-Humanista podem contribuir para o maior entendimento desta forma de existência.

Desse modo, pretendeu-se a partir deste estudo discutir sobre como as redes sociais influenciam a percepção dos sujeitos acerca de si e do lugar que ocupam no mundo, bem como podem ser as implicações deste fenômeno a partir de uma análise pautada nas contribuições da Logoterapia, vertente da Psicologia Existencial-Humanista implicada na compreensão do sentido da vida.

Para tanto, foram realizadas a conceitualização e contextualização das redes sociais e do sujeito contemporâneo, a análise de como se dá a relação desse sujeito com as redes sociais e quais os efeitos desta, a enumeração dos principais fundamentos teóricos da Logoterapia que compreendem o sujeito e a verificação de que maneira tais fundamentos teóricos contribuem no entendimento desta forma distinta de existência do sujeito.

Em resposta ao questionamento levantado, supôs-se que o existir na era da supervalorização das redes sociais é moldado a partir do que é demandado desta realidade virtual, em que o sujeito encontra diversas possibilidades de ser e existir, sendo capaz de adequar-se à identidade que melhor lhe sirva naquele momento. Diante disso, não é possível assumir que este sujeito possui um modo único de existência, o que suscita uma reflexão acerca de quais constructos utilizar para melhor compreender e perceber as demandas deste sujeito.

2 O IMPACTO DAS REDES SOCIAIS NO SENTIDO DA EXISTÊNCIA

Tendo em vista os objetivos do presente trabalho, propõe-se agora a discussão acerca do tema levantado, a partir da análise do material coletado através de pesquisa bibliográfica. Para tanto, serão abordadas seções temáticas pertinentes à ideia central do presente artigo, que consiste em analisar de que maneira a vivência na era das redes sociais impacta o sentido de existência do sujeito.

2.1 AS REDES SOCIAIS COMO ESPAÇO DE VALIDAÇÃO DA EXISTÊNCIA

Ao pensar no conceito redes sociais, é possível atribuí-lo distintos significados, sendo estes dos mais técnicos aos de cunho mais reflexivo, a depender da visão que a definição assume. No presente trabalho, cabe a compreensão da forma como as redes sociais são definidas e, principalmente, apreendidas neste cenário pós-moderno, pois este é um elemento crucial para a reflexão aqui proposta.

Posto isso, a primeira definição a ser analisada descreve as redes sociais como: “ambiente digital organizado por meio de uma interface virtual própria (desenho/mapa de um conceito) que se organiza agregando perfis humanos que possuam afinidades, pensamentos e maneiras de expressão semelhantes e interesse sobre um tema comum” (ZENHA, 2017/2018, p. 24).

Entretanto, a mesma autora colabora ainda com uma segunda definição do termo, em que este admite uma significação menos técnica, sendo entendido como forma de representação da relação afetiva e/ou laboral entre sujeitos que se reúnem ao compartilharem preferências semelhantes e também criarem conjuntos de informações a partir de discussões dialógicas por meio do ambiente virtual (ZENHA, 2017/2018).

É possível ainda assumir um significado mais simplificado, em que se toma como referência a definição do substantivo rede como sendo um “conjunto de nós interconectados” (CASTELLS, 1999 apud NUNES; DE JESUS, 2021, p. 42), para descrever o movimento de conexão e interação entre os sujeitos virtuais, que compõem o que é conhecido como rede social (NUNES; DE JESUS, 2021).

Analisando os conceitos apresentados, é possível perceber que todos trazem como ponto comum a interatividade ilimitada que as redes sociais proporcionam, que cursa com uma ideia de autonomia e possibilidade de acesso ao sujeito que delas usufrui, o que vale ser refletido, quando se pensa nos efeitos que isso acarreta.

Ao pontuar as redes sociais como um espaço possível de validação da existência, expõe-se a relação que o sujeito contemporâneo firma com este dispositivo, já que é sabido que o mesmo passa a condicionar seu estado de existência ou não à sua presença nesse espaço, uma vez que a conexão se torna sinônimo de existir (NUNES; DE JESUS, 2021).

O estar online dá a possibilidade do sujeito de formatar o tipo de conexões que deseja estabelecer, sendo capaz de julgar a permanência do outro de acordo com

seus critérios. A vida virtual se transmuta em vida real, tornando-se o palco principal da existência e detentora do sentido (NUNES; DE JESUS, 2021).

Desse modo, pode-se compreender que na contemporaneidade, para além das funções primordialmente estabelecidas, as redes sociais atuam como ferramenta para o sujeito na construção do sentido que este atribui à sua existência, a partir do que experimenta nestes espaços virtuais, sendo, portanto, fundamental a compreensão dessa atuação e de suas repercussões.

2.2 O SUJEITO CONTEMPORÂNEO E SUA RELAÇÃO COM AS REDES SOCIAIS

Ao falar sobre o sujeito contemporâneo, é necessário contextualizar como este constitui sua identidade, assim como de que modo compreende e atua em sua existência. Para tanto, empreende-se uma discussão acerca do mesmo, buscando compreender como se dá a relação deste com as redes sociais. Este sujeito, atravessado pelo contexto histórico em que está inserido, carrega consigo as marcas das mudanças sociais, históricas, culturais e tecnológicas, as quais se refletem na sua maneira de se ver e agir no mundo (GERMANO; NOGUEIRA, 2017).

O sujeito da chamada Era Digital, representada pelo uso contínuo e massivo das tecnologias de comunicação, demonstra uma urgência premente de estar em constante interlocução e conexão, ao mesmo tempo que, contrariamente, deseja isolar-se cada vez mais através dos dispositivos tecnológicos. Sendo assim, se compreende que a atual sociedade está calcada em um novo ideal de consumo, informação e comunicação (GERMANO; NOGUEIRA, 2017).

O sujeito aqui em pauta inaugura uma nova categoria de existência, denominada neonarcisismo, que consiste no comportamento de se amar pelo olhar do outro, se moldando a partir da influência deste olhar de fora. Este sujeito possui uma necessidade premente de interação, com vistas a receber aprovação de suas atitudes. Esta forma de ser é claramente ilustrada no uso das redes sociais, que assume um caráter performático e de superexposição contínua (GERMANO; NOGUEIRA, 2017).

No que tange à relação que o sujeito estabelece com as redes sociais, entende-se que estas possibilitaram o começo de uma era de supercompartilhamento, em que

os indivíduos estão engajados em se mostrar, através da transmissão de suas histórias, compartilhamento e produção de conteúdos variados. Neste novo período que a sociedade vivencia, os consumidores das redes sociais não são mais somente simples espectadores, como também potenciais produtores de conteúdo (GERMANO; NOGUEIRA, 2017).

Sendo assim, esta sociedade é coexistente de uma espetacularização disseminada que está vigente em toda atividade (LIPOVETSKY; SERROY, 2015 apud GERMANO; NOGUEIRA, 2017). As redes sociais, portanto, se configuram como forma possível de encerrar o anonimato e romper o silêncio, já que a partir dos conteúdos publicados online todos são capazes de se tornarem artistas por meio de uma dissimulação do real (SIBILIA, 2008 apud GERMANO; NOGUEIRA, 2017).

À medida em que o sujeito interatua no espaço digital, ele se transforma. Há uma mudança do centro que sustenta a noção de eu, já que este passa da posição de interdirigido para alterdirigido. Essa mudança irá atuar no declínio da espontaneidade com que os sujeitos se colocam, visto que há um outro de quem se deve garantir a atenção. Enfim, essa distinta forma de ser origina comportamentos e subjetividades direcionados ao outro (KEEN, 2012; SIBILIA, 2014 apud GERMANO; NOGUEIRA, 2017).

Sendo assim, é pertinente questionar até que ponto é crível considerar autêntico este eu exibido nas redes sociais, o qual se organiza através do olhar que o outro lhe oferece. É possível dizer então que há um apagamento do eu real em função da fabricação de uma nova subjetividade (GERMANO; NOGUEIRA, 2017).

Postas tais considerações, é interessante indagar a qual sentido este sujeito contemporâneo responde, já que é este desejo de sentido que move o homem, assim como lhe oferece um sustentáculo para enfrentar os momentos de adversidade. Deve-se considerar também se há a intenção desse sujeito de buscar para além de si algo que lhe direcione na procura de um sentido maior, conferindo-lhe assim motivação para a vida (FRANKL, 1989; PEREIRA, 2007 apud NUNES; DE JESUS, 2021).

Para tal, faz-se necessário compreender que diante das mudanças vivenciadas pela sociedade atual, marcada pelos avanços tecnológicos, os quais instituíram uma mudança dos paradigmas que sustentam os padrões normativos, o sujeito contemporâneo vivencia uma reformulação dos ideais que lhe garantiam certo

sentido, buscando assim outras alternativas que possam lhe oferecer um sentido novo (RODRIGUES; BARBOSA, 2018).

Desse modo, o sujeito contemporâneo direciona a sua busca de sentido para os dispositivos tecnológicos, utilizando-se dos recursos da tecnologia como meio de mascarar o seu vazio existencial. Entretanto, essa alternativa não é bem sucedida, já que estes recursos não possuem um sentido real e agem somente como potencializadores do sentimento de vazio (TEIXEIRA, 2006 apud NUNES; DE JESUS, 2021).

Outro ponto que merece ser citado consiste na dificuldade que o sujeito contemporâneo possui de assumir a responsabilidade por suas escolhas, o que também ocasiona o sentimento de falta de sentido (NUNES; DE JESUS, 2021). Essa ausência de responsabilidade implica em uma forma de viver inautêntica, em que o sujeito não toma posse de si, procurando na tecnologia artifícios para delinear sua existência (POLIANA, 2012 apud RODRIGUES; BARBOSA, 2018).

Enfim, é interessante pontuar que o existencialismo considera importante a experiência da realidade, posto que é a partir desta vivência que o homem entra em contato com suas limitações e experimenta o sentimento de angústia. Além disso, essa vertente também irá reprovar a postura de ‘imunidade’ do homem, o qual é descrito como estando “‘esvaziado’, perdido na massa e envolvido pelo tecnicismo, preocupando-se em ‘saber como’ antes de ‘saber por que’ e de saber “o quê”, na autêntica barbárie da tecnocracia” (BATALHA, 1968, p. 309 apud XAUSA, 2011, p. 83).

Diante de todo o exposto, cabe a reflexão do lugar que as redes sociais ocupam frente à demanda do sujeito por um sentido que preencha o seu vazio existencial e do porquê este sujeito direciona a sua busca para estes dispositivos, especialmente quando não há uma ação efetiva de atenuação do sintoma do vazio.

Andrade (2018 apud NUNES; DE JESUS, 2021, p. 47) contribui para essa reflexão ressaltando que

[...] muitas vezes o mundo virtual afasta o sujeito de seus valores, liberdade e responsabilidade, fazendo-o repetir o que está dado no ambiente virtual, lugar que ele mostra mais do que os outros querem ver, e menos do que verdadeiramente ele é. E uma vida com sentido precisa de valores, liberdade e responsabilidade [...]

É prudente questionar o que há de tão atrativo neste novo modo de existir que as redes sociais possibilitam, que impede os sujeitos de se desvencilharem desses estímulos e buscarem um verdadeiro sentido. O que estes sujeitos estão denunciando a partir desses comportamentos? Como profissionais da subjetividade, é essencial que busquemos a resposta para esse questionamento.

3 O QUE TEM A NOS DIZER A PSICOLOGIA DO SENTIDO?

Findadas as devidas contextualizações acerca do sujeito contemporâneo e das redes sociais, e pontuada como se dá a relação entre estes, serão delineados agora alguns fundamentos teóricos que auxiliarão na compreensão deste sujeito contemporâneo e da maneira que estabelece relação com os diversos contextos de seu ambiente. Para tal, foi selecionada dentre as diversas vertentes teóricas que representam a Psicologia Existencial-Humanista a Logoterapia, idealizada por Viktor Frankl e que pode ser entendida como a Psicologia implicada em discutir o sentido da vida.

Assim, o sujeito da Logoterapia será aquele cuja força motriz se define como o desejo pelo sentido e por um significado para vida, os quais serão elaborados à medida que este vivencia seu destino. É através de sua consciência que este sujeito é capaz de assumir este destino, determinando qual caminho irá trilhar, e de conferir conceitualizações às suas experiências, seja pela criação de valores ou pelas experiências que vivencia (GOMES, 1989).

Ao ser humano então, está destinado o questionamento sobre o sentido da vida, e é dele que deverá emergir a resposta, que se esconde no mais profundo do seu interior, sendo necessário um confronto face a face para que se possa desvendá-la. E o sujeito se torna responsável quando é apto a responder este questionamento (GOMES, 1989).

Sendo assim, o significado a ser alcançado tem caráter singular, sendo característico a cada indivíduo que lhe busca e podendo se modificar através do tempo e de acordo com a efemeridade da existência. O sujeito, portanto, passará toda sua vida decidindo por aquilo que atenda mais corretamente aos seus desejos (GOMES, 1989).

E este movimento do sujeito não deve ser tomado como patológico, pois entende-se que a tensão originada por essa atitude de procura é considerada premissa para a saúde mental. Essa tensão será responsável por propiciar o equilíbrio a este sujeito, sendo concebida através do esforço deste em promover a modificação da realidade em uma nova que corresponda a seus desejos. É em razão de suas demandas interiores que o sujeito empreende a busca por equilíbrio, procurando alcançar uma estabilidade definida. Mas, é devido ao desequilíbrio que o mesmo é capaz de avançar (GOMES, 1989).

Pode ocorrer que este sujeito se depare com um cenário de desamparo diante da necessidade de ação, o que lhe fará experimentar o vazio existencial, que pode ser definido como um “profundo sentimento de que a vida não tem sentido” (XAUSA, 2011, p.165). Esta frustração existencial só assume caráter patológico quando acumulada por sintomas neuróticos. Frankl corrobora esta afirmação elencando três sintomas ocasionados pela frustração existencial, sendo eles: depressão, adicção e agressão. Esta frustração também estará presente nas neuroses de massa (XAUSA, 2011) e pode ser suprida pela vontade de poder ou pela vontade de prazer (GOMES, 1989).

Outro efeito que pode ser acarretado pelo vazio existencial é o fenômeno da neurose noogênica, que consiste em um adoecimento advindo da certeza desta falta de sentido e que ocorre devido a confrontos na consciência, ao embate de valores e a uma frustração existencial, que pode ser manifesta através de sintomas neuróticos. Essa neurose irá se apresentar através do sintoma de aborrecimento, denotando o vazio de propósitos na vida (XAUSA, 2011).

Fato é que a Logoterapia irá compreender o sofrimento como processo importante para o crescimento do sujeito, fazendo parte deste empreendimento que é a busca de sentido, sob forma da tensão experienciada ao longo deste movimento (GOMES, 1989). Como corrobora Gomes (1989, p. 51): “o sofrimento humano é necessário enquanto chamado à transcendência e à superação do próprio sofrimento.”

Desse modo, esta tensão se torna fundamental para o sujeito, o qual não deve evitá-la, já que a consequência dessa esquiva é a origem de uma nova tensão. Sendo

assim, essa tensão será fruto da procura do sujeito por um equilíbrio que nunca será alcançado, pois é este movimento que lhe mobiliza (GOMES, 1989).

Portanto, não cabe ao sujeito dedicar-se a perseguir um equilíbrio, tão pouco à procura de poder ou prazer. O sujeito deve empenhar-se em alcançar a noodinâmica, definida por Frankl (2016, p. 132) como sendo

[...] a dinâmica que se estabelece no campo de tensão entre os dois polos do ser e dever-ser denomina-se noodinâmica, em contraposição a toda a psicodinâmica; e distingue-se desta precisamente por entrar nela um elemento de liberdade: em sendo movido por impulsos, sou atraído para os valores, isto é, posso dizer sim ou não a uma exigência dos valores, posso, portanto decidir-me dum modo ou doutro. Quer dizer o elemento da liberdade não se verifica apenas em face da instante imposição, aliás, meramente aparente, das condições biológicas, psicológicas ou sociológicas, mas também em face de uma possibilidade de realizar valores.

Ademais, Gomes (1989, p. 50) corrobora que na noodinâmica a tensão espiritual é posta “[...] de forma a polarizar de um lado o homem que procura um sentido e de outro o sentido que ele deseja e precisa encontrar para sua vida”.

A respeito da forma que esse sujeito se relaciona com o mundo, esta pode ser caracterizada enquanto uma relação de valorização, em que o sujeito fetichiza tudo aquilo que assuma algum valor diante de sua consciência, inclusive as pessoas, refletindo suas urgências. Esses valores irão irromper no momento em que o sujeito inicia sua relação com o mundo, especialmente quando esta se dá no sentido de crescimento e identificação do potencial oculto em cada ser (GOMES, 1989).

O sujeito contemporâneo irá designar o valor de um objeto considerando a aptidão deste em lhe satisfazer, recebendo assim o título de “senhor do uso das coisas” (GOMES, 1989, p. 53). Com esta habilidade de conceder ou remover o sentido dos elementos, de acordo com seus anseios, assume a posição de um deus, sendo capaz de manejar o mundo e seus objetos conforme suas vontades. Desse modo, o sujeito “[...] percebe o mundo e o outro como instrumentos que aliviam desejos e carências; logo depois, elimina-os para o porão da indiferença, como se já não existissem” (GOMES, 1989, p. 53). Enfim, este sujeito irá viver repleto de faltas, e na busca por encontrar o que mais perfeitamente complete este vazio, ele se mobiliza, toma decisões e elege valores ao longo de toda vida, a cada momento (GOMES, 1989).

Para além da questão da busca de sentido, pode-se afirmar que o sujeito está implicado em direcionar-se para algo que o transcenda, tendo uma condição que o leva a se ultrapassar. Este movimento consiste em uma busca para além de si mesmo, alguma coisa que não está nele, podendo ser esta coisa um sentido a exercer ou alguém que não ele mesmo. Essa autotranscendência integra o fundamento da existência humana (XAUSA, 2011).

O sujeito, além de um ser incitado pelo sentido, é também movido pelos valores, sendo assim um “ser-que-se-decide livremente” (XAUSA, 2011). É mediante a motivação que o sujeito elege como sendo sua que ele se transforma no que é. Sendo assim, este sujeito deve ser tomado como encarregado do cumprimento de um sentido na vida (XAUSA, 2011).

Por fim, vale ressaltar que quando retirados o sentido e os valores, o sujeito assume a posição de objeto, sendo consequência desta perda de sentido o retorno desse sujeito para si próprio. É nesse momento em que se pode afirmar que há um adoecimento do indivíduo, pois é primordial que o ser humano se retire de si, em um movimento de busca para um sentido que transcenda a sua existência (XAUSA, 2011).

Sendo assim, compreende-se que o sentido não é algo que se origina na existência, mas sim algo que se constrói diante da mesma, de modo que “[...] o sentido está ante o ser e não se confunde com ele” (XAUSA, 2011, p.164) e, portanto, “[...] o homem não deve perguntar pelo sentido da existência, mas sentir-se interrogado pela própria existência” (XAUSA, 2011, p.163).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Postas todas as considerações anteriores, propõe-se agora uma intercessão entre as conceitualizações trazidas, de modo a viabilizar uma maior compreensão desse sujeito contemporâneo aqui delineado e seu modo de se colocar no mundo, especificamente através do uso das redes sociais. Tendo em vista o entendimento da Logoterapia, segundo a qual o homem é um ser mobilizado pela busca de sentido e que estabelece relação com o mundo a partir da atribuição de valores, vale questionar o que o espaço das redes sociais representa nesse processo de significação.

Como já colocado, esse movimento da procura de um sentido não caracteriza um quadro patológico, mas diante da gama de possibilidades de significação que as redes sociais proporcionam, há de se considerar se o sujeito aqui analisado não está diante de uma superexposição de sentidos, que pode se configurar enquanto um possível quadro patológico.

Estaria o sujeito contemporâneo diante de um quadro de escapismo sócio-existencial, em que sentidos fictícios são forjados, de modo que a consciência e a liberdade cessam de efetuar suas funções na vida do indivíduo, como bem questionou Xausa (1986).

É essencial estar atento a este fenômeno de formulação de múltiplas identidades que se configuram sob a influência do olhar do outro, pois neste movimento o sujeito pode perder o real sentido de sua existência, além de perder também a possibilidade de decidir sobre si livremente.

A falsa sensação de plenitude de sentido e significação que esta relação com o outro a partir das redes sociais oferece ao sujeito é perigosa, pois dissimula uma realidade em que há um equivocado sentimento de totalidade e que condena a vivência de tensões e do desequilíbrio, que de acordo com as colaborações da Logoterapia, são requisitos indispensáveis para a saúde mental e o caminhar do sujeito.

A análise conjunta de todos esses elementos é importante no sentido de possibilitar um maior entendimento desse sujeito que chega até os profissionais da Psicologia, de forma espontânea ou não, e os abarrotam de questionamentos com suas demandas tão únicas e particulares.

Por isso, é essencial observar qual lugar as redes sociais ocupam nesse movimento de procura de sentido do sujeito e que tipo de influência exercem sobre o mesmo. Além disso, vale questionar qual relação de valor o sujeito contemporâneo vem estabelecendo com estes espaços, ao ponto de se colocar tão constante e abertamente nestes, de modo a romper a barreira do público e privado e, até mesmo, constituir sua subjetividade em conjunção a estes espaços.

Enfim, é fundamental pensar o que toda essa postura de ser e se colocar no mundo denuncia sobre esse sujeito contemporâneo. Quais são os pontos que esta forma de relação com as redes sociais toca e quais necessidades ela supre? O que

esse espaço representa no mais íntimo desses sujeitos e que se revela timidamente diante de tantas possibilidades de significação? O que de “impublicável” resta e que ainda não foi possível alcançar?

Ademais, o presente trabalho pretendeu fomentar uma reflexão acerca desta distinta forma de existência que se desvela e quais são as demandas que esta denuncia. Buscou ainda levantar um debate sobre como a intensa vivência deste mundo virtual proporcionado pelas redes sociais elicia novas formas de compreensão de si, do outro e do mundo, gerando consequências ainda pouco exploradas e que merecem um olhar cuidadoso.

O estudo deste tema abre espaço para que seja explorada de forma mais profunda e atenta esta relação estabelecida pelo sujeito com as redes sociais, de forma que seja possível compreendê-la melhor sob a ótica de um viés científico, visando maiores contribuições para a ciência psicológica, que poderão servir como base para o desenvolvimento de possíveis intervenções e novos estudos.

REFERÊNCIAS

FRANKL, Viktor. O princípio da homeostase e a dinâmica existencial. *In*:_____. **Psicoterapia e o sentido da vida**. 6. ed. São Paulo: Quadrante, 2016, p. 131-144.

GERMANO, Idilva Maria Pires; NOGUEIRA, Maria Camila Gabriele Moura. A difusão das redes sociais digitais e as novas expressões do eu. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, n. 2, v. 8, p. 53-62, 2017, jul. / dez. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/19276>. Acesso em: 31 mar. 2022.

GOMES, José Carlos Victor. A logoterapia. *In*:_____. **A prática da psicoterapia existencial**. Petrópolis: Vozes, 1988, p. 29-76.

NUNES, Ivana da Silva; JESUS, Luciano Marques de. A busca de sentido na expansão das redes sociais: qual like te sustenta? **Revista Perspectiva: Ciência e Saúde**, Rio Grande do Sul, n. 2, v. 6, p. 38-51, 2021. Disponível em: <http://sys.facos.edu.br/ojs/index.php/perspectiva/article/view/535>. Acesso em: 2 set. 2022.

RODRIGUES, Vanessa Macedo; BARBOSA, Flávia de Carvalho. As redes sociais e o vazio existencial. **Revista Brasileira de Ciências da Vida**, Minas Gerais, n. 2, v.6, p. 2-15, 2018. Disponível em: <http://jornalold.faculdadecienciasdavid.com.br/index.php/RBCV/article/view/639>. Acesso em: 2 set. 2022.

XAUSA, Izar Aparecida de Moraes. A valorização da existência humana no existencialismo. *In*: _____. **A psicologia do sentido da vida**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 81-93.

XAUSA, Izar Aparecida de Moraes. A logoterapia é uma psicologia comprometida com a vida e o devir humano. *In*: _____. **A psicologia do sentido da vida**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 155-169.

ZENHA, Luciana. Redes sociais online: o que são as redes sociais e como se organizam? **Caderno de Educação**, Minas Gerais, n. 49, v. 1, p. 19-42, 2017/2018. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/cadernodeeducacao/article/view/2809>. Acesso em: 14 jun. 2022.